

Como é um piolho?

Fatima Rosacacia Fernandes Macari
Rosilange Conceição Lozano

Resumo

Este projeto contempla atividades de conscientização da comunidade escolar, pois foi escolhido por fazer parte da vivência da mesma, na qual se constatou um índice elevado de casos de piolhos.

Para tanto seu objetivo principal foi promover situações nas quais as crianças identifiquem o piolho como um parasita que faz mal à saúde.

Para a realização deste trabalho utilizamos material teórico, recursos técnicos e pedagógicos tratados de forma lúdica devido à faixa etária das crianças (2 a 3 anos).

O trabalho está estruturado na metodologia do programa “ABC na Educação Científica – Mão na Massa” em, levando-se em consideração o conhecimento prévio das crianças, observações, comparações, verificação das hipóteses iniciais e conclusão.

Introdução

Segundo informações no portal do piolho disponível no site www.piolho.org os piolhos são antigos companheiros nossos. E as infestações vêm atingindo o homem há milhares de anos em todas as partes do mundo. Foram encontrados em múmias egípcias de 3.000 anos a.C., em pentes da época de Cristo e nos desertos de Israel e também há registros em múmias do Peru pré-colombiano.

O piolho humano pode ser encontrado em qualquer região climática do mundo e infestar as pessoas de todas as raças, cor ou nível social. Nos países pobres as crianças são muito infestadas. Mas também em países como os Estados Unidos e Israel, por exemplo, as infestações são também altas, atingindo entre 15 a 20% das crianças anualmente.

O *Pediculus capitis*: o piolho de cabeça é um inseto pequeno, com cerca de 2,5 a 3,0 mm de comprimento, sem asas (nunca) e com três pares de pernas quase do mesmo tamanho. Na ponta das pernas possuem garras para agarrar aos fios do cabelo. Machos, fêmeas e filhotes se alimentam do sangue que sugam da nossa pele (couro cabeludo). São ectoparasitos hematófagos obrigatórios; ou seja, vivem parasitando nossas cabeças, se alimentando de sangue e não fazem outra coisa. A infestação por piolhos é chamada pediculose. Vive agarrado aos fios de cabelos e ataca o couro cabeludo, passando principalmente de uma cabeça para a outra pelo contato direto. Podem também infestar as pessoas pelo uso compartilhado de tiaras de cabelo, escovas e pentes, capacetes, bonés, etc...

As lêndeas são os ovos dos piolhos, que tem formato alongado, com cerca de 0,8 mm de comprimento e 0,3 mm de largura. As fêmeas fixam os ovos aos fios de cabelo, próximo ao couro cabeludo. A casca dos ovos é bastante resistente à penetração de substâncias, como os inseticidas. Após cerca de sete dias, de cada lêndeia eclode uma ninfa de piolho. A casca da lêndeia fica então vazia e presa ao cabelo. Então, as lêndeas bem próximas ao couro cabeludo, são em geral ovos vivos, dos quais ainda não eclodiram piolhos. As que estiverem a mais de um cm de distância nos fios de cabelo, estão aí há mais tempo. São em geral apenas as cascas

dos ovos, ou seja, os piolhos já nasceram. Os piolhos sobrevivem muito pouco tempo fora das cabeças. Ou seja, mal agüentam de um dia para o outro, pois eles precisam se alimentar (de sangue) constantemente. Portanto, não fazem ninhos nos travesseiros e almofadas. Podem ficar nos bonés, tiaras de pano, etc., mas por pouco tempo.

As queixas preponderantes são: coceira intensa e irritação do couro cabeludo podendo surgir tipicamente erupções na nuca, acima e atrás das orelhas, acompanhadas nos casos mais graves de aumento dos gânglios linfáticos (ínguas). Os sintomas costumam aparecer logo. No mesmo dia ou, no máximo, no dia seguinte ao contágio. Geralmente a coceira começa assim que o parasita pica para se alimentar. E são substâncias da saliva do piolho que provocam essa reação.

Se uma criança foi infestada apenas com uma fêmea, que a cada sete dias produz novas ninfas, que depois de duas semanas tornam-se adultos, e que se reproduzem... Então, em dois meses, ela pode ter dezenas e dezenas de piolhos. Infestações graves podem levar as crianças a terem anemias e infecções.

Os maiores problemas causados pela infestação de piolhos nas crianças e jovens são:

- Ficam irritados;
- O rendimento na escola fica comprometido;
- O sono e a capacidade em se concentrar ficam prejudicados;
- O preconceito de outras crianças (ou mesmo adultos) gera desconforto, vergonha, raiva, isolamento e segregação;
- Possíveis anemias e infecções secundárias.

O piolho capilar não escolhe sexo, idade nem classe social, assim, todos devem estar atentos. Principalmente quem lida com grupos de crianças e jovens. Evite entrar em contato com pessoas infestadas. Não usar de forma coletiva: travesseiros, pentes, bonés, lenços de cabeça, presilhas, capacetes etc. Se estiver exposto, inspecione a cabeça toda semana à procura de piolhos e lêndeas. Passe o pente fino para retirar as lêndeas, as ninfas e os piolhos.

De acordo com Varella, sd, o tratamento é feito à base de inseticidas piretróides de uso local. Depois da aplicação, o medicamento deve permanecer na cabeça protegida por uma touca durante algumas horas. A aplicação deve ser realizada durante cinco dias consecutivos e repetida de sete a dez dias depois para atacar os ovos que ainda não haviam eclodido na fase inicial do tratamento, que deve ser estendido para toda a família e/ou parceiros, mesmo que assintomáticos. É importante que, nas escolas, sem exceção, os alunos que estiveram em contato com a criança afetada sejam tratados concomitantemente.

O tema foi escolhido por fazer parte da vivência das crianças e pelo fato das salas apresentarem um índice elevado de casos. Mostrando que o piolho está presente, mas que não faz bem à saúde. Por meio de recursos audiovisuais e palestra conscientizar os pais da importância do tratamento e prevenção.

O projeto foi realizado com crianças de 2 a 3 anos com o objetivo de conhecer o piolho.

Atividades

Iniciamos as atividades com uma roda de conversa perguntando às crianças se já viram um piolho, e como era para quem já viu, como pegava, o que ele fazia em nossas cabeças, o que a mamãe fazia quando estávamos com piolho. Deixamos as crianças falarem livremente sobre suas hipóteses. Elas relataram que já conheciam, que era pequeno igual a uma formiguinha, que coçava muito e que a mamãe passava veneno, pente, penteava o cabelo na bacia para o piolho cair dentro e depois matava com a unha.

Em seguida, distribuimos folhas de sulfite e giz de cera para as crianças desenharem o piolho de acordo com as suas hipóteses. Muitas fizeram rabiscos, outras pequenos pontinhos representando o piolho, outras risquinhos que seriam as "perninhas", como mostra a figura 1:

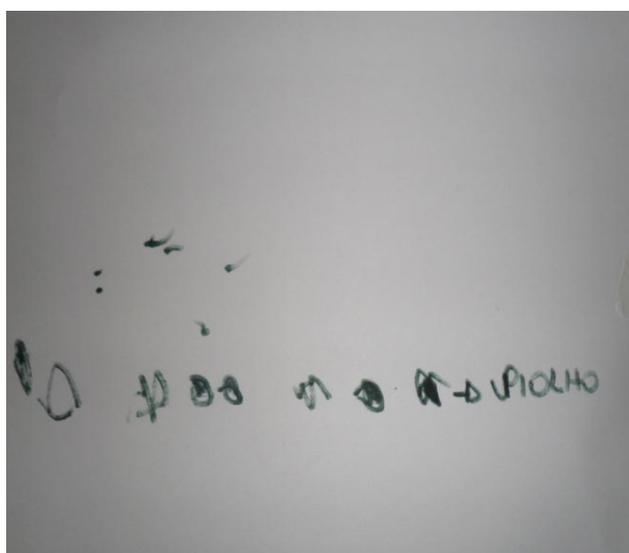
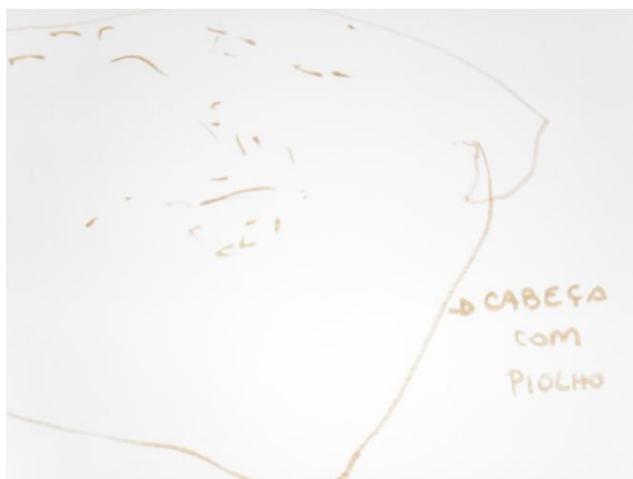


Figura 1 - Desenhos iniciais das crianças sobre o piolho

Os desenhos foram expostos no mural em sala de aula para apreciação. Posteriormente foram comparados com os desenhos realizados no final dos trabalhos para verificar se ocorreram mudanças entre ambos.

Para que as crianças conhecessem o piolho como é realmente, utilizamos recursos como o microscópio de projeção e a lupa. Retiramos um piolho da cabeça de uma criança, pois a maioria estava infestada, colocamos o piolho no microscópio e projetamos sua imagem na televisão (figura 2). Quando viram o "bichão", ficaram abismados com a sua feiúra, com as patas, as garras e com o fato que ele tinha cabeça. As falas foram muito interessantes, como, por exemplo:

- Nossa! Que bichão feio tia!
- É ele que anda na nossa cabeça?
- É esse que a tia tirou da cabeça da amiguinha?



Figura 2 - Imagem do piolho projetada do microscópio na Televisão.

Mas, percebemos que o uso do microscópio para crianças dessa faixa etária não foi muito eficaz, pois não conseguiram visualizar o piolho olhando na lente por serem pequenos demais para achar o foco. Também notamos que as imagens pela televisão não foram muito eficientes, pois parecia um programa mostrando imagens de um “bicho” e não como aquele piolho que foi retirado da cabecinha de um colega. Alguns não conseguiram relacionar o piolho com as imagens. Então, optamos por lupas, mostramos o piolho inteiro, pois na projeção ele foi visto por partes. As crianças se interessaram mais, pois puderam explorar, além do piolho, formigas, grãos de areia, cisquinhos no chão, entre outras coisas.

O entusiasmo foi o mesmo, a cada atividade a participação só aumentava e, percebíamos que os alunos contavam para os pais o que estavam vendo na escola.

Para finalizar as visualizações confeccionamos um cartaz com algumas imagens e colocamos no mural para a apreciação.

Como temos a "hora do conto" durante as atividades da semana procuramos um livro paradidático que abordasse o tema. Encontramos o "Cata piolho".

Enquanto contávamos a história e mostrávamos as ilustrações os alunos prestavam muita atenção e acharam muita graça quando a menina da história queria levar um piolho para a sala de aula, que ela pegou do filho da professora e no final alguns piolhinhos haviam sumido. Frisamos os cuidados que temos de ter para não pegar piolho e o que se devem fazer quando tiver piolho na cabeça. Também destacamos a importância que a mamãe tem que ter para acabar com esses "bichinhos".

Como o nosso objetivo é que os alunos conheçam o piolho, preparamos uma atividade com quebra-cabeça para as crianças montarem um piolho. Foi entregue para cada aluno uma folha com o desenho do piolho com uma linha pontilhada para separá-lo em duas partes. Os alunos em primeiro lugar pintaram o desenho, depois recortamos na linha pontilhada e em seguida chamamos um aluno por vez para montar o seu desenho e colar em outra folha de papel sulfite. Com as atividades desenvolvidas nas duas semanas, os alunos conseguiram montar o quebra-cabeça colocando cada parte no seu devido lugar.

Também realizamos uma atividade de identificar o piolho entre outros insetos. Entregamos uma folha que havia a figura de três insetos: uma barata, uma formiga e o piolho. Solicitamos que procurassem identificar os insetos e que depois de identificados deveriam pintar somente a figura do piolho. A maioria dos alunos conseguiu identificar o piolho.

Para finalizar, os alunos desenharam o piolho com as novas hipóteses formadas. Pudemos observar que o progresso e o entendimento de como é o piolho foi satisfatório e muito produtivo, pois algumas crianças desenharam o piolho com grande riqueza de detalhes, com

patas, cabeça e corpo (figura 3). Em seguida colamos no mural e comparamos com os desenhos realizados no início das atividades. Os alunos verificaram a diferença entre os dois desenhos e perceberam como os últimos estavam bonitos.



Figura 3 - Desenho final, o piolho foi desenhado com riqueza de detalhes.

O interessante foi que as crianças contavam em casa o que estavam aprendendo. Então, agendamos uma palestra para conversar com os pais sobre o piolho: como ele é, como se pega, prevenção e cuidados para eliminar as infestações. Muitos vieram para a palestra, pois estavam interessados no assunto.

Notamos que ficaram prestando muita atenção nas informações que passamos e quando viram o piolho no microscópio ficaram abismados com a feiúra do "bichinho", e disseram que iriam verificar mais vezes as cabeças das crianças porque o piolho fazia mal à saúde das crianças. A foto a seguir mostra os pais na palestra realizada.



Considerações finais

Concluimos ao final desse trabalho, depois das atividades, as crianças conseguiram identificar o piolho.

Verificamos que por meio de atividades realizadas de forma sistematizada e lúdica, as crianças aprendem com prazer desde pequenas. O aprendizado contextualizado torna-se significativo para a criança, essa prática de iniciação científica deve ser explorada desde a Educação Infantil.

Quanto ao material utilizado percebemos que seria interessante utilizar apenas a lupa e o projetor de imagens, pois os resultados alcançados com eles foram mais eficientes e imediatos, não deixando dúvidas.

Percebemos que este projeto deverá ter continuidade durante todo o ano e nos anos seguintes, como um projeto fixo no planejamento escolar devido ao elevado índice de crianças infestadas com piolho.

Referências

ANDRADE, C.F; MADUREIRA, P.R; LINARDI, P.M. **Portal do piolho**. Disponível em: <<http://www.piolho.org.br>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

ROUER, Beatrice. **Cata-piolho**. Monica Stahel (Trad.); Rosy (Ilus.). São Paulo: Scipione, 1993. 28 p. (Aconteceu Comigo).

VARELLA, D. **Piolho: Pediculose**. Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br>>. Acesso em: 9 mai. 2011.